

NOTA DE ABERTURA

Miandica, “terra do outro mundo” trata-se de uma expressão que já é, certamente, do conhecimento de todos aqueles com quem tenho partilhado os meus trabalhos, porquanto muitas têm sido as vezes que a pronunciei, quer na escrita, quer em vídeo (ver páginas 66 e 67).

Na verdade, não encontro outro termo mais apropriado, quando falo daquele destacamento, a não ser este que deu o título ao presente livro.

Não obstante o período que vivi naquele inóspito local ter sido um dos piores que passei em toda a minha existência, o certo é que, paradoxalmente, sinto-me bem quando falo dele. Porquê? Não sei! Talvez conseguisse encontrar a resposta, que nunca me dei ao trabalho de a procurar, sentado no sofá de um consultório de qualquer conceituado psicanalista da nossa praça.

Falar de Miandica, a do meu tempo, claro, é sinónimo de sofrimento, não só de natureza física, mas também moral.

Tentei, ao longo das inúmeras páginas que compõem este trabalho, ilustrar o que atrás referi, recorrendo à minha memória, em certos casos fantasiosa, mas nunca fugindo à verdade.

Para esse efeito, “construí” algumas montagens fotográficas e recorri a muitos poemas, os mais variados, de grandes nomes da nossa literatura, os quais adaptei à circunstância, nada mais que isso.

Quis, com isto, dar mais ênfase à narração dos factos que me propus dar à estampa. Repito, essas fantasias que irão encontrar não se distanciam muito, ou quase nada, da realidade então ali vivida.

Apesar deste trabalho dizer somente respeito ao período passado em Miandica, decidi iniciá-lo com a partida para o Ultramar. Após essa referência, que entendi ser adequada, vou então ao encontro de Miandica, facto que aconteceu onze meses depois de ter iniciado a minha comissão de serviço em Moçambique.

Para que se entenda um pouco da razão que levou algumas das grandes “cabeças pensadoras” dos “donos da guerra” a construir ali um destacamento, respigo algumas passagens que escrevi no meu livro “Aquartelamentos do Niassa”, editado em 2009:

«A região de Miandica era uma zona onde a Frelimo se encontrava fortemente implantada, construindo ali algumas das suas bases mais importantes, nomeadamente a do Mepotxe. Era o centro nevrálgico da subversão. Assim, os “visionários” altos comandos do Sector decidiram, para travar o ímpeto da Frelimo, que a solução ideal seria instalar em Miandica o Comando de Batalhão que tivesse a seu cargo a área do Lago.»

«Aquele futuro “quartel” seria, segundo palavras que nós próprios ouvimos no local ao 2.º Comandante do Sector, na visita que efectuou em Abril de 1967, “um punhal cravado no coração do inimigo”. Vai daí, foi ocupada a região da antiga povoação de Miandica estabelecendo-se o estacionamento, junto às margens do rio Mecondece.»

«Ao cabo de 22 meses, concluíram as altas “esferas” militares que o “punhal a cravar no coração do inimigo” produziu efeitos contrários, ou seja, atingiu aqueles que ali sobreviveram nas mais precárias condições, enterrados em buracos e com abastecimentos tardios, onde o inimigo se deleitava, a seu bel-prazer, a atacar aqueles indefesos militares encurralados entre

barreiras erguidas por uma máquina de engenharia, ali colocada para construir uma pista de aviação, nunca acabada.»

«Foi efémera a estadia das forças militares em Miandica, porquanto, o COMSEC determinou, em 3 de Abril de 1968, a extinção deste destacamento por se saber da intenção da Frelimo atacar, com grandes efectivos, pequenas forças das NT.»

Refira-se, e ainda à guisa de informação, que a primeira força militar a estacionar no local, em 22 de Setembro de 1966, pertencia à Companhia de Cavalaria 1507, cabendo ao meu pelotão substituí-la em Março de 1967.

Por aquilo que me foi dito, quer pelos meus antecessores, quer sucessores, nenhum deles passou as privações que nós ali sofremos. Houve até alguns que, em termos de alimentação, se davam ao luxo de comer bifes com ovos estrelados e batatas fritas. É óbvio que este facto não ficou a dever-se a eles terem ido ao “supermercado” fornecer-se, mas sim pela regularidade que passou a existir, após a nossa saída, do abastecimento aéreo e terrestre, este mais esporádico, mas acontecia.

Se no meu tempo de Miandica, essencialmente nos períodos de subalimentação crítica, surgisse o fornecimento de ovos, dieta que nunca tivemos, estou em crer que os mesmos seriam consumidos com casca e tudo, aproveitando assim as excelentes riquezas em proteínas e cálcio que aquele produto contém...

Posto isto, convido-vos a uma visita guiada a Miandica, “terra do outro mundo”. No final, se encontrarem outras palavras, mais apropriadas, para dar o título a este trabalho, agradeço que me comuniquem...